

# Contribuições da Terapia Familiar Sistêmica para a Escolha Profissional

---

---

*Christine Liz Moeller Gabel<sup>1</sup>*

Universidade Regional de Blumenau, Blumenau

*Dulce Helena Penna Soares*

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

## RESUMO

Este artigo relaciona os temas família e escolha profissional. Tem como objetivo apresentar algumas contribuições da Terapia Familiar de abordagem Sistêmica ao cabedal teórico/prático da Orientação Profissional, correlacionando alguns conceitos desta área de conhecimento com a escolha profissional, tais como: regras, fronteiras, homeostase, sistema, subsistema, supra-sistema, ciclo de vida familiar, diferenciação do eu, lealdade, mitos familiares e genograma. A revisão apresentada demonstrou as possibilidades da utilização deste referencial teórico na práxis da Orientação Profissional.

*Palavras-chaves:* terapia familiar; abordagem sistêmica; escolha profissional; orientação profissional.

## ABSTRACT: Contributions of the Familiar System Approach Therapy to the Professional Choice

This article associates the family and professional choice. It has as a target to present some contributions of the Familiar Therapy with Systemic approach to the theoretical/practical findings of the Vocational Guidance, correlating some concepts of this psychological approach with the professional choice, such as: rules, borders, homeostasis, system, subsystem, supra-system, family life cycle, differentiation of the self, loyalty, myths and genogram. The review demonstrated the possibilities of the use of this theoretical approach in the praxis of Vocational Guidance.

*Keywords:* familiar therapy; systemic approach; professional choice; vocational guidance.

## RESUMEN: Contribuciones de la Terapia Familiar Sistémica al Conocimiento de la Elección Profesional

Este artículo relaciona los temas familia y elección profesional. Tiene como objetivo presentar algunas contribuciones de la Terapia Familiar de abordaje Sistémico al conocimiento teórico/práctico de la Orientación Profesional, correlacionando con la elección profesional algunos conceptos de este abordaje, como: reglas, fronteras, homeostasia, sistema, subsistema, suprasistema, ciclo de vida familiar, diferenciación del yo, lealtad, mitos familiares y genograma. La revisión demuestra las posibilidades del uso de este antecedente teórico en la práctica de la orientación profesional

*Palabras clave:* terapia familiar; abordaje sistémico; elección profesional; orientación profesional.

---

<sup>1</sup> Rua Bonifácio Cunha, 66 apto. 801, Jardim Blumenau, 89010-345. Blumenau, SC. Fone/fax: (47)326.5184, E-mail: gabel@terra.com.br

---

---

Este trabalho tem o objetivo de relacionar alguns conceitos da Terapia Familiar de abordagem Sistêmica com a escolha profissional. Tal estudo se faz importante em função da necessidade de se perceber as influências que o indivíduo recebe de seu contexto familiar, ao escolher uma profissão. Procura-se, neste sentido, auxiliar os orientadores profissionais a utilizarem, em sua prática, algumas das ferramentas que a abordagem sistêmica de família propõe.

O artigo apresenta uma revisão crítica da literatura a respeito do tema. Em uma primeira etapa, realizamos um levantamento da produção científica nacional na área da Orientação Profissional, indexada na base de dados Index Psi Periódicos (INDEXPSI Biblioteca Virtual em Saúde, BIREME/OPAS/OMS), no período de 2001 a 2005. Foram utilizados os seguintes descritores (palavras-chave): orientação vocacional / profissional / ocupacional, em suas múltiplas combinações. O mesmo procedimento de busca foi realizado com o tema terapia familiar sistêmica, com várias combinações: terapia familiar, terapia sistêmica, família, sistema, sistêmica, abordagem sistêmica, abordagem familiar sistêmica. Optou-se pelos resumos que mais se aproximavam ao tema do artigo, sendo excluídos os resumos que abordavam temática diferente ao objeto de estudo. Para uma segunda etapa do processo de seleção e classificação das publicações, dois critérios subsidiaram a qualificação das contribuições mais significativas. Um primeiro foi referente ao tipo de delineamento metodológico utilizado, subdividido em: teóricos e empíricos. O delineamento teórico compreende trabalhos que visam ao desenvolvimento teórico-conceitual e revisão de literatura. O delineamento empírico abrange estudos realizados com base em procedimentos empíricos de coleta de dados. Um segundo critério enfatizou alguns autores que desenvolveram seus trabalhos em outros países, para posteriormente listar os autores nacionais, até a inclusão de autores regionais, com o objetivo de melhor contextualização do tema.

Conclui-se o artigo com o relato breve de pesquisa realizada em dissertação de mestrado pelos autores, junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, na qual o referencial teórico da terapia fa-

miliar sistêmica foi utilizado como base epistemológica para o estudo das escolhas profissionais de estudantes de psicologia com descendência germânica, de uma universidade privada localizada no sul do Brasil.

### A Escolha Profissional

A escolha de uma profissão pode ser entendida como o modo que o sujeito escolhe para se inserir no mundo e, através do trabalho escolhido, modificá-lo. Para Bohoslavsky (1982, p.79),

(...) quem escolhe não está escolhendo somente uma carreira. Está escolhendo 'com que' trabalhar, está definindo 'para que' fazê-lo, está pensando num sentido para a sua vida, está escolhendo um 'como', delimitando um 'quando' e 'onde', isto é, está escolhendo o inserir-se numa área específica da realidade ocupacional.

A escolha profissional não se dá de um momento para outro, constituindo-se num processo (Bohoslavsky, 1982; Müller, 1988). Bohoslavsky (1982) aponta três momentos distintos pelo qual passa o jovem durante este processo, levando-o a sair do passado (seu antigo mundo, amigos, aspectos infantis, entre outros) para o mundo adulto representado pelo futuro (a universidade, a responsabilidade, a independência dos pais, entre outros). Num primeiro momento, há a seleção, ou seja, a discriminação das carreiras e classificação afetiva perante elas. O segundo momento é o da escolha, que não envolve somente o reconhecimento seletivo, mas o estabelecimento de vínculos diferenciados com a profissão escolhida. A decisão, terceiro e último momento, está ligada à possibilidade de lidar com a frustração, de resolver conflitos, de elaborar os lutos pelo não escolhido e pelo deixado para trás.

O sujeito que escolhe uma profissão está inserido num contexto complexo, capaz de influenciar diretamente sua decisão ocupacional. Müller (1988) menciona que a escolha profissional encontra-se condicionada a sutis influências que vão se desenvolvendo ao longo da trajetória de vida do indivíduo, das quais fazem parte as expectativas familiares, a situação social, cultural e econômica daquele que

escolhe, as oportunidades educacionais, as disposições internas e as perspectivas profissionais da região em que reside.

Aprofundando os fatores familiares que influenciam a escolha profissional, Bohoslavsky (1982) acredita ser a família o grupo de participação e referência essencial, tanto que devem ser analisados quais valores esta família repassa ao jovem a respeito das profissões, bem como o grau de satisfação ou insatisfação dos pais ou pessoas próximas quanto às suas próprias profissões, pois estarão, de algum modo, influenciando aquele que escolhe uma carreira. Andrade (1997) concorda com Bohoslavsky e cita o resultado de estudos que realizou, constatando que o nível de satisfação dos pais com suas carreiras influencia a motivação do jovem para com sua profissão. Quanto maior o grau de satisfação dos pais, percebido pelos filhos, maiores são as possibilidades de se entusiasmarem com sua própria escolha.

Dias (1995) destaca que o momento da escolha profissional é de crise que envolve não só aquele que escolhe, mas também o grupo familiar no qual está inserido. Descreve que as ansiedades vividas pelo adolescente farão parte de um processo em família. Os pais reviverão, através do filho, seus próprios dilemas vividos no mesmo momento evolutivo. Dependendo do modo como resolveram ou não estas questões em suas vidas, terão um repertório mais ou menos fortalecido para, na situação atual, oferecerem continência às ansiedades do filho.

Sendo assim, para o jovem que opta por uma profissão, a escolha profissional torna-se o reconhecimento e a aceitação do seu mundo familiar (interno, conhecido, limitado) para a exploração do mundo social (externo, desconhecido, complexo). Para os pais dos adolescentes que escolhem uma carreira, há a necessidade de aceitar que as relações com os filhos vão mudando; de que os jovens passam a questionar e confrontar suas idéias, passando a assumir seus próprios projetos pessoais. Os filhos começam a serem vistos como integrantes da sociedade e não somente como seus filhos (Müller, 1988).

### **A Abordagem Sistêmica**

A Terapia Familiar Sistêmica nasceu nos Estados Unidos, em Palo Alto, Califórnia, na década de

50. Tem como referenciais conceitos de outras ciências, tais como a Biologia, a Física, a Química, entre outras áreas do saber e também de outras teorias, como a Cibernética, a Teoria da Comunicação e a Teoria Sistêmica. Daí o nome Terapia Familiar Sistêmica ou, como alguns mencionam: Terapia Sistêmica ou Terapia Familiar.

Conforme Tondo (1998, p. 39),

(...) pode-se dizer que tudo começou quando alguns corajosos pioneiros ampliaram a visão sobre a doença mental. Eles se contrapunham à ênfase que focava unicamente o indivíduo como sendo aquele que desenvolve e mantém sua psicopatologia. Esta mudança propiciou o reforço da idéia de que o contexto também influencia de maneira significativa a formação do sujeito.

A Terapia Familiar Sistêmica trouxe uma contribuição teórica importante para o tratamento das famílias, atuando no contexto mais imediato do sujeito, podendo ser definida como uma “técnica de intervenção terapêutica que tem como foco principal a alteração das relações que se passam no sistema familiar, com o objetivo de alívio dos sintomas disfuncionais (Tondo, 1988, p. 40).

De uma maneira ampla, as famílias, nas sociedades ocidentais, podem ser caracterizadas como um grupo de indivíduos que mantêm laços de consangüinidade, sendo voltados para a criação dos filhos. Na visão sistêmica, representam sistemas abertos em interação com o meio em que estão inseridas. Estão baseadas em questões econômicas e de propriedade, permeadas por afetos e sentimentos. Assumem, portanto, as funções de proteção de seus membros, bem como a de transmissão à sua prole de padrões culturais da sociedade da qual fazem parte.

### **A Abordagem Sistêmica de Famílias e a Escolha Profissional**

Correlacionando alguns conceitos das abordagens psicológicas que atuam com famílias e a escolha profissional, Bratcher (1982) menciona as regras, fronteiras e homeostase como sendo os de maior

probabilidade para influir na escolha de uma carreira. No que se refere às regras, ou seja, o conjunto de normas e leis explícitas ou implícitas existentes nas famílias, o autor menciona o fato de algumas famílias tentarem impor a seus membros suas regras no que tange ao modo de pensar sobre o que seja o trabalho, sem permitir que formulem as suas próprias crenças. Reforçam, muitas vezes, valores e tradições familiares num sentido de manter o equilíbrio familiar (homeostase). Por exemplo, os filhos devem seguir a tradição da família em estudar em alguma universidade reconhecida, já que todos os outros membros da família também o fizeram, mesmo não sendo sua vontade. No que tange às fronteiras, Bratcher (1982) menciona que as famílias que possuem fronteiras flexíveis permitem a seus filhos um movimento fácil e que encoraja sua autonomia pessoal, o que poderá auxiliar na escolha de um trabalho. Em algumas situações, os filhos são impelidos a escolher profissões que os mantenham perto da família, afetiva e geograficamente, o que pode vir a manter a homeostase do sistema familiar. Neste sentido, é importante que o orientador profissional identifique quais as normas que fazem parte do núcleo familiar do orientando, favorecendo-lhe sua própria percepção e questionamento a respeito das mesmas.

Gabel (1996) retoma os conceitos de Morin (1977) sobre sistema, supra-sistema e subsistema para retratar o grau de interdependência destas três instâncias, que, na escolha profissional, foi apresentada como a inter-relação que o jovem (subsistema) possui com o sistema familiar e este, por sua vez, com a comunidade a que pertence (supra-sistema). Este último pode favorecer ou dificultar a escolha profissional que o jovem deve realizar. Em exemplo específico, a autora menciona o fato de, em algumas cidades, não haver a oferta do curso pelo qual o jovem optou por estudar, forçando-lhe a transferência para a realização do curso superior, o que vai interferir em toda a dinâmica do sistema familiar. O papel do orientador profissional poderá ser aquele de alertar a família quanto a estas mudanças inevitáveis, mas não necessariamente negativas.

Outro conceito da Terapia Familiar que pode ser correlacionado à escolha profissional é o de ciclo de vida familiar. Carter e McGoldrick (1995)

utilizam o termo ciclo de vida familiar para definir as etapas evolutivas pelas quais as famílias e os indivíduos passam, baseando-se no tempo e nas novas condutas necessárias a cada período de desenvolvimento atingido. As autoras propõem seis estágios de ciclo de vida familiar a partir de estudos que desenvolveram com famílias americanas. O primeiro estágio é caracterizado pela saída do jovem da casa dos pais, passando a aceitar maior responsabilidade emocional sobre si, podendo vir a desenvolver relacionamentos mais íntimos, além de buscar sua independência financeira. O segundo estágio é descrito pelo momento em que há a formação do novo casal; o indivíduo passa a relacionar-se de modo marital com seu parceiro. Passa-se ao terceiro estágio com o nascimento dos filhos, surgindo os papéis sociais de pais e avós. A escolha profissional está presente no ciclo vital dos filhos adolescentes, quarto estágio proposto, em que os jovens almejam mais liberdade e experiências fora do lar, com questionamentos da ordem e regras estabelecidas. Os pais, neste momento, possuem outros tipos de questionamentos, repensando o que realizaram até o momento e indagando-se também quanto a suas vidas profissionais. As etapas de vida seguintes são aquelas em que os filhos, já adultos, deixam o lar dos pais (quinto estágio) e o sexto estágio, das famílias em estágio tardio na vida, em que o casal passa pelas transformações e declínio fisiológico inerente ao avanço da idade.

Cerveny (1997) realizou estudos sobre o ciclo de vida das famílias brasileiras no estado de São Paulo, o que levou à formulação de uma caracterização de ciclo vital diferente da que está disponível na literatura estrangeira. Para a autora, a primeira fase é denominada fase de aquisição, na qual a aquisição do jovem casal que se forma é a principal preocupação, podendo esta ser o primeiro emprego, a compra do carro, a complementação escolar, etc., além da aquisição de um modelo próprio de família diferente daquele modelo observado em sua família de origem. A fase dos filhos adolescentes é a que se sucede (segunda fase), e que

(...) afeta sobremaneira a família que se torna também um pouco adolescente no sentido de mudanças que estão ocorrendo (...) se

os adolescentes questionam os valores, as regras familiares, preocupam-se com o futuro, os seus pais estão na fase do questionamento profissional, revendo posições, fazendo reformulações e também pensando no futuro” (Cervený 1997, p. 14).

Para Cervený, também é nesta etapa que ocorrem os dilemas da escolha profissional do jovem. Esta é uma situação importante de ser percebida pelo orientador profissional. Nos últimos anos, no Brasil e no mundo, as relações de trabalho estão cada vez mais se modificando. Os profissionais com alguns anos de carreira estão assumindo os rumos de sua trajetória profissional. Mudam de empresa, passam a trabalhar como autônomos, entram em outras áreas, se aposentam... E estes podem ser os pais daquele jovem que está realizando um processo de orientação profissional. Dessa maneira, os orientadores poderão utilizar maior sensibilidade para com o tema – profissão – não somente com seu orientando, mas envolvendo a família como um todo.

Retomando Cervený (1997), a fase madura é a terceira fase, identificada nas famílias do estado de São Paulo, caracterizada pela necessidade de assistir aos pais com idade avançada e o de ajudar os filhos que necessitam de auxílio dos pais para o cuidado com os próprios filhos. A quarta fase do ciclo vital é chamada de última, coincidindo com a aposentadoria e o retorno a uma vida a dois pelo casal, tendo sido estendida em função do aumento da expectativa de vida da população.

Aylmer (1995) retoma o conceito de diferenciação do eu (Bowen, 1978) em relação à família de origem para mencionar a dificuldade que muitos jovens sentem ao perceber as expectativas profissionais dos pais, podendo ser diferentes das suas. As lutas para superar os pais ou opor-se às suas escolhas de vida poderão provocar desvios inadequados no trajeto profissional do jovem, afastando-o daquilo que seria mais apropriado para seus próprios interesses.

Ao contrário, as pessoas diferenciadas são capazes de tomar posições definidas sobre as questões, porque conseguem pensar nas coisas, decidir em que acreditam e depois

agir de acordo com essas crenças. Isto lhes permite estar em contato íntimo com os outros, sem ser reflexivamente moldadas por eles. (Nichols e Schwartz, 1998, p. 312).

No que se refere à escolha profissional, segundo Andrade (1997, p. 129) o fato de “abraçar uma carreira significa assumir um papel ativo e maduro de transformação pessoal e social, acelerar o processo de separação dos pais, que já vem ocorrendo em toda a adolescência”. Porém, caso as diferenças entre as expectativas dos pais com relação ao projeto profissional de seus filhos forem significativas, poderão vir a inibir a diferenciação desses últimos (Aylmer, 1995), vindo a comprometer a carreira profissional escolhida.

Relacionando outro conceito da Terapia Familiar com a escolha profissional, identificamos o conceito de lealdade familiar. A palavra lealdade deriva do francês *loi*, lei, implicando atitudes de acatamento à lei. O membro leal busca alinhar seus interesses aos interesses do grupo a que pertence. Como afirma Boszormeny-Nagy (1994, p. 56),

(...) os membros de um grupo podem comportar-se de maneira leal levados por uma coerção externa, o reconhecimento consciente de seu interesse a pertencer a este grupo, sentimentos de obrigação conscientemente reconhecidos, ou a uma obrigação de pertencer que os ligue de modo inconsciente.

A lealdade familiar se baseia nos parentescos biológico e hereditário, em que cada membro da família se acha constantemente sujeito às suas expectativas, quer as cumpra ou não. Nos filhos pequenos, o cumprimento destas expectativas se dá por meio de medidas disciplinares externas, como por exemplo, as punições, castigos, imposição de horários e rotinas, etc., sendo que, nos filhos mais velhos e nos adultos, as expectativas podem ser cumpridas por compromissos de lealdade internalizados. Tomando a escolha de uma profissão como exemplo, observa-se que em algumas famílias há o compromisso internalizado de seguir os negócios do pai. O não

cumprimento destas expectativas familiares leva o membro da família a um sentimento de culpa, o que constitui uma força secundária de regulação do sistema familiar. A partir do momento em que é internalizada, a lealdade passa a ser não só uma característica do grupo, mas também uma atitude individual, e como tal, vai além da identificação com o grupo. As exigências daquele grupo familiar passam a determinar pautas de comportamento ao sujeito de acordo com estas expectativas. Para o orientador profissional, ambos os conceitos – diferenciação do eu e lealdade familiar – podem ser alvo de discussão para com seu orientando. Cabe a este último a sua decisão em permanecer leal à sua família ou diferenciar-se, responsabilizando-se pelas implicações de sua decisão. Independentemente de sua escolha, o importante é que esta seja consciente.

Para Krom (2000), escolher uma profissão se faz importante tanto para o ciclo de vida individual quanto para o ciclo evolutivo da família, sendo que, neste momento de escolha, as influências intergeracionais irão se fazer presentes. “Tal escolha é fortemente determinada e construída por forças míticas, uma vez que ele (o jovem) vai responder diretamente às expectativas individuais e familiares” (Krom, 2000, p. 37). Em trabalhos acadêmicos realizados com estudantes de Psicologia e posteriormente com psicólogos, a autora percebeu a presença dos mitos de união, de ajuda e de cuidado, relacionando-os à sua escolha profissional realizada. Os mitos familiares podem ser concebidos como uma maneira de reviver no cotidiano os mitos culturais.

O termo mito familiar foi primeiramente utilizado por A. J. Ferreira (Miermont, 1994) para definir certas atitudes que se originam em alguns pensamentos do grupo familiar, garantindo uma coesão interna e uma proteção externa. “O mito familiar é, pois, um organizador que cumpre uma função homeostática que será tanto mais socilitada pelo grupo considerado quanto maior for o sofrimento, a dificuldade, a crise, a ameaça de transformar-se, de deslocar-se, ou inclusive de desaparecer” (Miermont, 1994, p. 389). Os mitos mantêm a coesão do grupo familiar através da delimitação de suas regras, papéis e funções a serem desempenhados por seus membros, valores e crenças compartilhados e com-

promissos de lealdade a serem cumpridos. Portanto, os mitos familiares se constituem em complexos modelos norteadores de conduta para os membros de uma família, não conscientes, transmitidos entre as gerações. Os mitos familiares podem ser repassados nas famílias através de seus rituais, compromissos de lealdade, padrões de comunicação, entre outros.

Krom (2000) amplia a identificação dos mitos em famílias em que pode resgatar informações de três gerações. Aponta a existência do:

- (a) mito da união, garantindo a perpetuação das famílias através do pertencimento e manutenção das trocas afetivas;
- (b) mito da propriedade, identificado em famílias que buscam assegurar o patrimônio e a estabilidade familiar;
- (c) mito da religião, norteado pela prática de algum credo religioso na família;
- (d) e (e) mito da conquista e mito do sucesso, que foram identificados em grupos familiares com expoentes míticos aos quais a família busca seguir como exemplo, determinando a forma de conquistar bens, posições e outras situações. O mito do sucesso vai além no sentido de determinar pautas comportamentais que visam o sobressair-se perante os demais, ser admirado e imitado;
- (f) e (g) o mito da autoridade é diferente do mito do poder, já que há uma distribuição do poder na família, seus membros acatam opiniões, exercem funções e respeitam a autoridade hierárquica. Em famílias nas quais se identifica o mito do poder, observa-se o abuso da autoridade.

Para Krom (2000), portanto, os conceitos de ciclo de vida familiar, influências intergeracionais, mitos familiares e lealdade são aqueles que são utilizados para o entendimento da escolha profissional sob a perspectiva da abordagem sistêmica. A mesma autora propõe a utilização da técnica da confecção do genograma familiar para se obter uma representação gráfica das complexas normas das famílias.

Lucchiari e Bonneaud (1995) denominam genoprofissiograma a construção de uma árvore genealógica, dando principal importância às profissões da família nas últimas três gerações, levando em con-

sideração a dimensão vertical (pais, avós e bisavós) e a dimensão horizontal (irmãos, primos e tios). O genograma elaborado com um tema, neste caso, as profissões da família, é também denominado genograma temático.

Gabel (2002), em pesquisa realizada junto aos alunos do curso de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau<sup>1</sup> com descendência germânica, identificou alguns mitos presentes nas famílias destes alunos e que influenciaram sua escolha profissional. Para tal, entrevistou cinco estudantes, representando cada ano cursado, bem como elaborou um genograma com as profissões existentes nas famílias de cada estudante pesquisado. Foram identificados os mitos familiares da propriedade, da união, da religião, do poder, da conquista e do sucesso, sendo estes últimos observados em diversas famílias de imigrantes, que viam em seus ancestrais modelos de

identificação a serem seguidos. “Este mito [mito do sucesso] pode ter sido fortalecido em nossa sociedade pelas condições da própria imigração e, em geral, porque na sociedade brasileira, neste momento histórico, encontram-se aqui as famílias de imigrantes na terceira ou quarta geração” (Krom, 2000, p. 57).

A técnica da confecção do genograma em um processo de Orientação Profissional pode instrumentalizar de modo positivo o orientador e seu orientando, já que permite identificar informações importantes sobre as profissões na família, bem como outros valores inconscientes ou míticos podem ser evidenciados. Observa-se, portanto, que os construtos teórico-práticos da abordagem sistêmica podem contribuir de modo significativo tanto para o entendimento do processo da escolha de uma profissão quanto à práxis da Orientação Profissional.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, T. D. (1997). A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. Em R. Levenfus (Org.), *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 123-134). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Aylmer, R. C. (1995). O lançamento do jovem adulto solteiro. Em B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças do ciclo de vida familiar* (pp.169-183). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Bohoslavsky, R. (1982). *Orientação vocacional: A estratégia clínica*. (J. M. V. Bojart, Trad.) São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1971).
- Boszormeny-Nagy, I. (1994). *Lealtades invisíveis: Reciprocidade em terapia familiar intergeracional*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Bowen, M. (1978). *Family theory in clinical practice*. New York: Aronson.
- Bratcher, W. E. (1982). The influence of the family on career selection. *Personal and Guidance Journal*, 61(2), 87-91.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1989).
- Cervený, C. M. O (Org.) (1997). *Família e ciclo vital: Nossa pesquisa em realidade*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Dias M. L. (1995). Família e escolha profissional. Em A. M. B. Bock (Org.), *A escolha profissional em questão* (pp. 71-92). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Gabel, C. L. M. (1996). Interrelações entre a terapia relacional sistêmica e a orientação profissional [Resumo]. Em Associação Brasileira de Terapia Familiar (Org.), *Anais, II Congresso Brasileiro de Terapia Familiar* (p. 71). Gramado, RS: ABRATEF.
- Gabel, C. L. M. (2002). *Mitos familiares e escolha profissional: Um estudo junto aos estudantes do curso de psicologia da Universidade Regional de Blumenau com descendência germânica*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.
- Krom, M. (2000). *Família e mitos*. São Paulo, SP: Summus.
- Lucchiari, D. H. P. S. & Bonneaud, A.-L. (1995) Le genoprofessionogramme et le choix de la profession – *Question d’Orientation*. *Bulletin de l’Association des Couseillers d’Orientation de France*, 4.

- Miermont, J. (Org.). (1994). *Dicionário de terapias familiares*. (C. A. Molina-Losa, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1987).
- Morin, E. (1977). *O método I: A natureza da natureza*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Müller, M. (1988). *Orientación vocacional*. Buenos Aires: Miño e Dávila editores.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Original publicado em 1995).
- Tondo, C. T. (1998). Terapia familiar: Bases, caminhos percorridos e perspectivas. Em Y.S. Souza & M.L.T. Nunes (Org.) *Família, organizações e aprendizagem* (pp.37-104). Porto Alegre, RS: PUCRS.

Nota:

<sup>1</sup> Blumenau, cidade do interior de Santa Catarina, fundada no século XIX por imigrantes alemães, que conserva até os dias de hoje, através de seus descendentes, características de seus ancestrais.

*Recebido: 22/07/05*  
*1ª Revisão: 02/02/06*  
*2ª Revisão: 21/03/06*  
*Aceite final: 29/05/06*

#### Sobre autores

**Christine Liz Moeller Gabel** é Psicóloga, Mestre em Psicologia, Especialista em Psicologia Clínica e Administração de Recursos Humanos, Terapeuta Familiar Sistêmica, ex-presidente da Sociedade de Psicologia de Blumenau, Psicoterapeuta. Professora da disciplina de Orientação Vocacional e Profissional na Universidade Regional de Blumenau - FURB. Professora em cursos de Pós-Graduação e Formação em Terapia Familiar Sistêmica.

**Dulce Helena Penna Soares** é Psicóloga e Mestre em Psicologia da Educação pela UFRGS. Concluiu o Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Louis Pasteur Strasbourg, em 1996. Professora Adjunta IV da Universidade Federal de Santa Catarina, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, e coordena o Laboratório de Informação e Orientação Profissional ([www.liop.ufsc.br](http://www.liop.ufsc.br)). É conselheira da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP). Autora de diversos artigos e livros.